

CONTORNOS DA INTERIORIDADE: O RELATO BIOGRÁFICO DO OSMAN LINS MISSIVISTA

OUTLINES OF INTERIORITY: THE BIOGRAPHICAL ACCOUNT OF OSMAN LINS LETTER WRITER

Francismar Ramírez Barreto⁵⁰

Resumo: Ter ficado sem a presença materna aos 16 dias de nascido é o primeiro episódio marcante na vida de Osman Lins. Corria o ano de 1924 e Dona Maria da Paz de Mello Lins, como fica registrado na biografia do autor publicada em 1988, “falece de complicações no parto, a 21 de julho, deixando órfão seu filho de duas semanas”. De Maria da Paz conservar-se-á um cartão enviado à sogra, onde noticia estar grávida e feliz. Duas mulheres passam a desempenhar a função materna na vida do escritor pernambucano: a avó paterna Joana Carolina e a tia Laura, irmã de Teófanés da Costa Lins. Se um leitor curioso desejasse rastrear o ponto de partida de algumas das personagens femininas de Lins, a leitura desta correspondência constituiria um belo exercício. Assim como estas trocas dão fé da estreita relação entre mãe e filho, e mãe e neto, este texto procurará compreender o influxo daquele universo afetivo no autor brasileiro.

Palavras-chave: Osman Lins; Correspondência pessoal; Literatura e biografia.

Abstract: *Having been without a mother's presence at the age of 16 days of birth is the first remarkable episode in Osman Lins' life. It was 1924 and Mrs. Maria da Paz de Mello Lins, as recorded in the author's biography published in 1988, “died of complications in childbirth, on July 21, leaving her two-week-old child an orphan”. From Maria da Paz, a card would be kept, sent to her mother-in-law, where she announces that she is pregnant and happy. Two women begin to play the maternal role in the life of the writer from Pernambuco: the paternal grandmother Joana Carolina and his aunt Laura, sister of Teófanés da Costa Lins. If a curious reader wanted to trace the starting point of some of Lins' female characters, reading this correspondence would be a fine exercise. Just as these exchanges confirm the close relationship between mother and child, and mother and grandchild, this text will seek to understand the influence of that affective universe on the Brazilian author.*

Keywords: *Osman Lins; Personal correspondence; Literature and biography.*

⁵⁰ Pós-doutoranda pela Universidade de Brasília, Doutora em Literatura e Práticas Sociais, e pesquisadora do Grupo de Estudos Osmanianos (UnB).

Para compreender, debes escutar o que vê.

Bernard Plossu

Que melhor forma de estudar o *tempo de vida* de um autor que assomar-se ao ambiente retratado em suas cartas? Fora do âmbito acadêmico, raramente se tem a oportunidade de examinar de forma direta a correspondência de um escritor. Em 2018, sem vírus que alterassem a rotina mundial, o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, recebia pesquisadores com frequência. Procurar insumos para uma investigação pós-doutoral era o objetivo da visita que resultou neste artigo, na pesquisa em curso e em ideias que, passados os anos, ainda se formam e se desdobram. Pensava, naquele momento, que o material consultado seria exclusivamente para esse fim, até começar a observar certo *efeito secundário*: algumas notas imantando-se e apontando para outros caminhos. A ponte entre a minha pesquisa e este trabalho continua a mesma: *o tempo*. O foco desta reflexão será, porém, *o tempo não ficcional na correspondência ativa* de Lins com duas mulheres fundamentais na sua vida.

Em 2012, o Arquivo Museu de Literatura Brasileira contava com 337 metros lineares de documentos de escritores brasileiros pertencentes a diferentes movimentos literários. Encontram-se ali representantes do Parnasianismo, do Simbolismo, mais de um modernista e Osman Lins na sua imensa raridade. Em 2012, a Fundação Casa de Rui Barbosa chegou a listar 127 arquivos abertos a consulta entre os materiais organizados, os parcialmente organizados, os que aguardam por tratamento técnico e as coleções documentais⁵¹.

Não havia forma de atravessar as alamedas centrais daquela casa de meados do século XIX, aquela pérgula guarnecida de parreiras ou aquele jardim com árvores de lichia, jambeiros e abieiros, sem que a máquina de interrogações ficasse paulatinamente em movimento. “O quê contará a correspondência de Osman Lins sobre o autor-fora-dos-

⁵¹ Estas informações aparecem, de forma detalhada, no *Guia do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira* (Rio de Janeiro: FCRB, 2012).

textos?”, “o quê deixará transparecer sobre o Brasil, e sobre os brasileiros, daqueles anos?”. A leitura de uma pesquisa do jornalista britânico Simon Garfield, conhecido pela incursão no campo da não ficção, foi ajuda afortunada para entender melhor a dimensão daquela matéria epistolar. Publicada em inglês em 2013 como *To the letter*, aquele livro de Garfield ficou conhecido em espanhol, dois anos mais tarde, como *Postdata. Curiosa historia de la correspondencia*⁵². Com as histórias que este livro recria fui levada a entender (com fatos obstinadamente verificados) a tecnologia da *correspondência* e o que esta trouxe para o mundo.

Garfield inicia seu percurso pela Britânia romana do período 85 d.C. - 130 d.C. (com os anos e os achados, este período histórico resultaria mais preciso). Foi Vindolanda a localidade em que se encontraram as primeiras provas históricas da correspondência, tal e como se conhece hoje. Ali, em 1973, o arqueólogo Robin Birley se deparou (após a retomada de trabalhos de escavação que começaram em 1972) com sapatos de couro, ferramentas, um pendente de ouro, chaves e outros objetos que deviam ter significado nulo para os romanos. Entre samambaias e folhas, apareceram também listas e cartas escritas sobre pequenas pranchas de bétula, carvalho e amieiro, de um ou dois milímetros de espessura. O tamanho seria equivalente, hoje, ao de um cartão de crédito. Algumas se apresentaram aos cientistas dobradas (como se a madeira fosse um envelope). A mensagem daquelas pequenas pranchas fez com que a arqueologia inglesa descobrisse uma parte até então desconhecida da história (soldados romanos que lutavam contra hordas escocesas), mas também proporcionou acesso ao tipo de comunicação daquele grupo humano: como eram os cumprimentos, as despedidas, a natureza dos alimentos que listavam, quem escrevia ou como se elaborava o convite para um aniversário.

I. Do filho-neto

Com menos décadas de investigação das que levaram aqueles arqueólogos, também sem aquela expectativa, e com o intuito de reviver mentalmente os fatos vividos

⁵² Simon Garfield. México: Taurus, 2015.

por Osman Lins em algum segmento de sua vida, foi que me aproximei de parte da correspondência pessoal do autor.

Hubo un tiempo en el que el mundo funcionaba gracias al correo. Las cartas desempeñaban la función de lubricante de la interacción humana y propugnaban la dispersión de ideas. Fueron canal callado de lo banal y lo valioso: la hora a la que llegaríamos a cenar, el relato de un día fantástico, las más emocionadas alegrías y penas del amor. En aquel entonces debía de ser impensable un mundo en el que la correspondencia no se valorase, o se desechara sin más. Un mundo sin cartas sería ciertamente un mundo sin aire que respirar (GARFIELD, 2015, p. 21).

Osman Lins tinha tanta consciência do que Garfield comenta que não se conformava com dedicar tempo à comunicação escrita. De muitas cartas guardava cópia e as que entravam na sua caixa postal eram arquivadas metodicamente. Era importante para ele que o vínculo fosse regularmente alimentado com respostas periódicas, retomadas de fatos descritos em textos anteriores ou exigências amáveis (a maior parte das vezes) de resposta.

Os vínculos que Lins alimentou com a avó paterna, Joana Carolina, e com a irmã de seu pai, Laura, contam-se entre as trocas mais irrigadas. Muitos dos leitores que levam tempo nas páginas do autor de *Avalovara* sabem - graças à pesquisa biográfica feita por Regina Igel na década de 1980, em circulação desde 1988 - que Lins não conheceu a própria mãe. Joana Carolina e Laura desempenharam essa função a quatro mãos. Deixando momentaneamente de lado o conteúdo das missivas⁵³, se “Mãe Noca” aparecia no cabeçalho, o relato era para a avó. Se o epíteto era “Mãe”, a carta era para Laura. Por escrito, despedia-se da primeira como “filho-neto” e da segunda como “filho-

⁵³ No capítulo XXIII de *Dom Quixote de La Mancha* (no primeiro livro), o protagonista cervantino dá uma olhada a uma caderneta quando diz: “Isto é prosa e parece carta”. Ao que o fiel escudeiro responde: “Carta-missiva, senhor?”. Visto que em dicionários de uso comum *missiva* aparece como sinônimo de carta, este exemplo deixa claro que o vocábulo *missiva* se refere a mensagens mais íntimas. Existem correspondências administrativas ou de natureza laboral. A tradução (literal) é nossa. Miguel de Cervantes, *Don Quijote de La Mancha*, São Paulo: Alfaguara, 2004.

amigo”. Ainda que em algumas ocasiões o remetente-mor misturasse os parentescos, esse auto-reflexo (filho-neto e filho-amigo) será importante neste conjunto de ideias.

Tendo tido Joana Carolina a importância que Lins com frequência menciona, convém começar pelo registro de 21 de setembro de 1941⁵⁴. Para esse momento, Osman Lins tem 17 anos. É o ano em que se muda de Vitória de Santo Antão para Recife (a mudança não aparece relatada, mas não é difícil imaginar que tenha acontecido antes do 5 de julho, pois o autor costuma afirmar ter saído de casa aos 16 anos). O mundo está em chamas. A 1º de setembro de 1939 a Alemanha nazista invade a Polônia. Em setembro de 1941, o neto pede a bênção para a avó, conta que chegou cedo no Banco para escrever-lhe (o que permite estabelecer aproximadamente o ano em que começa a trabalhar naquela instituição) e diz uma frase que chama atenção em um jovem dessa idade: “Não é nada mau começar-se a batalha da vida assim um pouco cedo; vence-se também mais cedo, e se está mais cheio de energia e de esperança para a arrancada inicial”. Lins mora em uma pensão, faz lanches por fora e se prepara para uma excursão que acontecerá em final de outubro e onde o futebol tem papel primordial (“não posso perder um treino”).

Uma carta de Joana Carolina aparece durante a revisão. É do ano 1942 e tem Vitória de Santo Antão no cabeçalho e na despedida. A avó começa a missiva com uma palavra de natureza gentil-religiosa: “Osman, Deus te faça feliz” e encerra amorosamente com a frase: “Como sempre as saudades de quem muito te quer q. é. Tua Mãe Noca”. Encerra-se a missiva, ainda, com o adendo que, ao vivo ou por escrito, é tão frequente no verbo das avós do mundo: “Tome remédio para esse resfriamento, não se descuide. Tenha cuidado, na sua saúde mesma”⁵⁵.

Daqui em diante, a correspondência partirá sempre de Lins (até 1946, nos documentos que repousam na Fundação). Oferecendo as cartas tantas informações valiosas, é difícil escolher as que melhor refletem a realidade do escritor. A carta de janeiro de 1944, por exemplo, mostra que a moeda é o cruzeiro, que o pai (alfaiate) costura peças para o filho, que o filho se detém em detalhes para lá de específicos [“diga a ele (...) que ponha um botão na frente e dois nos punhos, e que mande – si fôr possível –

⁵⁴ Carta de 21.09.1941, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁵⁵ Carta de 19.05.1942, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

forrar os botões com a mesma fazenda da roupa”], que os estudos são uma fonte de preocupação (“estou um pouco triste a respeito de meus estudos, pois o curso de contador vai ter agora a duração de seis anos. Mas assim mesmo vou me matricular”) e que o funcionalismo bancário conta com linguagem própria (“recebi hoje a Januária, gratificação de Janeiro”)⁵⁶.

Também em 1944, mas com 20 anos e no meio do período de provas na universidade, o filho pede ao pai uma roupa para dezembro (“estou com vontade de fazer uma roupa branca”⁵⁷). Apesar de estar dirigida a Mãe Noca, não era raro encontrar nas entrelinhas mensagens explícitas para outras pessoas da família. Com uma tipografia pespontada, que dificulta a identificação do tipo de máquina, o leitor descobre que a matemática rouba as horas do Osman universitário.

Apesar de que em seu último romance publicado transbordem referências musicais, visualizar o escritor celebrando o carnaval (e, ainda mais, apaixonado) era uma - até então - situação difusa, sem limites precisos. A carta de fevereiro de 1945 dissolve esta névoa. A celebração mais representativa do Brasil mundo afora (e a melhor das companhias) era o tema da *conversa* com a avó. E não é um exagero falar em termos dialógicos (através das cartas se *conversava*, apesar de demoras e extravios), ao se pensar que a letra sobre o papel era tecnologia corriqueira no ano em que finaliza a II Guerra Mundial.

E agora vamos falar do Carnaval. (...) A senhora sabe que eu já tenho quem tome conta de mim, não é? Brinquei todo o Carnaval com a noiva. No sábado fui com ela, uma prima dela chamada Lulú, e Aída, dançar no Clube Português, do qual entrei como sócio. No domingo fomos eu, ela, Lulú e Bituza, dar uma volta na cidade, à noite, vimos o movimento, e às dez horas, fomos a A. A. Banco do Brasil, onde nos encontramos com o irmão dela (da noiva). E voltamos todos juntos para casa. Na segunda-feira fomos eu, ela e Lulú ao Clube Náutico Capibaribe, que estava ótimo. E na terça-feira, encerramos indo novamente ao Clube Português. No domingo, Mariinha saiu comigo em traje de passeio. Mas no sábado, ela foi com vestido de baile, e na segunda e na terça com

⁵⁶ Carta de 14.01.1944, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁵⁷ Carta de 28.08.1944, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

uma fantasia de cigana muito engraçada. Como vê, passei um Carnaval divertido, não é? (Carta de 16.02.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

Neto devoto, Lins tinha o cuidado de colaborar economicamente com as duas mulheres mais importantes de sua vida até então. É assim como descubro uma nova conotação para a palavra *gaita*⁵⁸ (“aparecerei por aí quando receber a gaita”) e um conhecimento importante de sua parte sobre tipos de tecido: o filho-neto podia distinguir a casimira do tropical, e a seda do brim. Uma das poucas referências ao tema político que aparece *deste lado* da comunicação está contida nesta carta. É uma “nota para a censura” e esclarece uma frase que pode se prestar a confusão: “Para fins de descargo de consciência, se esta carta for censurada, informo ao censor que o Brasil de que falo acima, não é o país, mas um touro da raça gir, pois meu tio negocia com gado”. De igual forma se pode constatar, em outras cartas de 1945, o avanço em certas figuras de pagamento (ordens por cheque de Recife a Vitória, por exemplo) e o progresso nas tecnologias de comunicação - com a convivência de métodos antigos e outros mais novos (na década de 1970, outro exemplo, Lins recebe telegramas mas escreve com máquina elétrica).

Ainda em 1945, Osman Lins se muda de pensão, da Rua da Saudade para a Rua Conde de Bôa Vista com Sete de Setembro. Muito simbólicas as coordenadas ao ser pensadas como *passado familiar* e *presente emancipado*. Ou da *nostalgia* à *independência*. Em maio desse ano ele deixa a avó a par do resultado nas provas parciais: “Já soube das notas de algumas. Não fôram más. Tirei 9 em Legislação Consular, 6 em Contabilidade Pública, e 9 em Psicologia, Lógica e Ética”⁵⁹. Por este caminho se pode rastrear uma viagem de trem em agosto de 1945 (“fiz péssima viagem, pois o trem vinha tão cheio que não pude entrar para o vagão até Jaboatão”), o interesse que despertava nele a fotografia, o início de publicações em meios massivos (“vai sair uma história minha no *Jornal do Comércio*”) e a angústia que pulsava nele desde cedo a respeito da escrita (“terei meu título, e passarei então a ler o que me aprouver, e escrever o que entender, com calma”).

⁵⁸ Apesar de estar dicionarizado, o vocábulo não é de uso recorrente hoje entre as pessoas.

⁵⁹ Carta de 22.05.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

Em setembro reporta estar resfriado com “a italiana”⁶⁰ e resolve o quadro com “Kusuk fortificante”. Conta detalhes de um romance que deseja enviar a um certame no Rio de Janeiro e menciona uma mudança de perspectiva para esta obra (algo que se verá, com os anos, trabalhado e retrabalhado): “Vou seguir uma nova diretriz no meu trabalho, que tendo antes um aspecto sentimental, vai tomar agora um cunho social, sem perder embora o nimbo de sentimentalismo que o envolve em todas as suas páginas”. Em meados de outubro, Osman envia a Joana Carolina uma série de recomendações médicas para a segunda esposa de Teófanês, o pai alfaiate.

(...) Quanto à doença de Eulália, falei com os médicos do Banco. Ambos acharam que a “penicilina” é o melhor tratamento para a sinusite. É preciso, entretanto, que ela tome cinco mil unidades. Isto é, cinco frasquinhos. Cada frasco, é dado em cinco injeções intra-musculares de três em três horas, sendo que ela tem de passar setenta e cinco horas em tratamento, tomando injeções de três em três horas. É um pouco duro, mas é melhor do que estar se tratando com drogas antiquadas, quase inofensivas, que não atacam o mal ou o atacam indiretamente, abrindo caminho para uma operação posterior. A “penicilina” não produz reação e é a última palavra em matéria de ciência médica (carta de 15.10.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

A última carta examinada de Osman Lins para Joana Carolina será do primeiro de fevereiro de 1946⁶¹. Nela, o escritor mencionará a greve que para esse momento vivia o Banco do Brasil e a necessidade de refletir sobre a pertinência do sentido individual e do sentido coletivo.

II. Do filho-amigo

Como Simon Garfield com o respectivo interesse histórico (a chegada dos selos, os manuais epistolares do século XIX), senti a necessidade de completar narrativamente aquele vazio materno de Osman Lins com o outro afluente afetivo do que foi a sua experiência de vida. Tinha, sim, curiosidade pela *correspondência pessoal* (pelas

⁶⁰ Carta de 04.09.1945, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁶¹ Carta de 01.02.1946, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

missivas). Tinha-a também pela *profissional* e pela *administrativa*, só que no caso de Lins tudo está bastante imbricado. Estas últimas fases podem não ser as que acelerem os batimentos cardíacos, mas são as que funcionam como maciço de alvenaria do que foi o principal sustento do escritor até o limite da aposentadoria. E possivelmente estejam entre as que melhor falam do *sentido coletivo brasileiro* daqueles anos.

As cartas com Laura, tia pelo lado paterno e esposa de Antônio Figueiredo (a quem Lins chamava de “tio” e cuja morte sofreu intensamente desde São Paulo em julho de 1974), conformam o segundo momento deste trabalho. Tendo em mente a limitação prática do trabalho em arquivo (outro arquivo contendo a contraparte, outra casa, um destinatário do qual não se tem notícia ou inclusive tudo o que se pode ter extraviado), as cartas dirigidas a Laura (as que examinei) vão de 1963 a 1977. Aproximadamente 14 anos de troca. Só as mais expressivas no *contorno da interioridade* de Lins ajudarão a compor esta fala⁶².

De São Paulo, em janeiro de 1964, Osman escreve à tia (a quem chama de “mãe”) e pede informações sobre Joana Carolina: “Dados sobre a juventude, como nasceu, como foi criada, as doenças mais graves dos filhos e o modo como eram tratadas”⁶³. Menciona uns retratos que tirou e promete, quando tiver as ampliações, enviá-las para Vitória de Santo Antão. São curiosas as menções que, eventualmente, o autor faz ao próprio peso. Atleta quando jovem (caracteristicamente magro), mais encorpado chegando aos 30 anos, Lins conta para a mãe (depois de uma visita ao médico por causa de uma inflamação na perna e uma dor nas costas) que seu peso normal era 66 quilos.

As obras (a relação do autor com estas) nunca ficam longe do radar do pesquisador de um arquivo literário, mas é tão incomum focar no constatável da vida (quando se constroem reflexões em torno da ficção) que não pareceu tão estranho deixar sob o microscópio apenas o que se referia aos dados que compõem a figura que não

⁶² “Contornos da interioridade” é um termo utilizado pela pesquisadora argentina Leonor Arfuch no livro *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*, Buenos Aires: FCE, 2010.

⁶³ Carta de 18.01.1964, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

conheci e que - ao dia de hoje - leio a sós, através de sua obra e do tempo compartilhado regularmente⁶⁴ com outros pesquisadores do texto osmaniano.

Osman Lins compartilha com Laura, de forma recorrente, os avanços na carreira literária. Uma carta de julho de 1964 lhe adverte sobre a futura escassez de correspondência em vista de um livro de contos que tem em processo: “Comecei a escrever o conto sobre Mãe Noca. Penso que não vai dar menos de vinte páginas. Está saindo nobre, um pequeno monumento, já que não consegui fazer-lhe uma bonita sepultura”⁶⁵.

São frios os dias em São Paulo. Noites de dez graus e neve em Campos de Jordão. Sobrevoa o escritor (reflete-se no papel) a pergunta que o inquieta desde que chegou ao mundo: “Alguma notícia a respeito dos retratos, ou melhor, do retrato no qual aparece minha mãe?”.

Em agosto de 1964 Lins sofre um acidente de carro⁶⁶. Uma vez recuperado, conta para Laura que se casará com Julieta Godoy de Ladeira em setembro de 1964⁶⁷. Comemoram com uma viagem a Buenos Aires e Montevideu em outubro, por dez dias. A essa altura, ele continua no Banco do Brasil e ela trabalha na Palmolive. Paisagem praiana, paragens campestres, lugares frios: se de algo gostava Osman Lins era do impacto das viagens. Tanto podia ser em bonde ou em trem, em carro ou avião, Santos, Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, Ubatuba ou a cidade natal sempre em mente. Ainda desde outras coordenadas, Lins sempre dava um jeito de estar presente nas vidas da mãe e da avó.

Abril de 1965 surpreende Laura com a novidade de mais um trabalho literário do filho, que agora sofre não a gripe *italiana* mas a *soviética*: “190 páginas espessas. (...)”.

⁶⁴ Desde o ano 2008 com o Grupo de Estudos Osmanianos, da Universidade de Brasília.

⁶⁵ Carta de 28.07.1964, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁶⁶ Fiz referência a este acidente em um trabalho sobre a peça “Auto do Salão do Automóvel”, publicado no volume *Descortinando o teatro de Osman Lins* (que reúne trabalhos apresentados durante o IV Encontro de Literatura Osmaniana), Siglaviva: Brasília, 2019. A carta, escrita em São Paulo, é de 30.08.1964 (AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

⁶⁷ Carta de 10.09.64, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

Trabalhei tanto que o polegar ficou inflamado de bater espaços na máquina. Está um bonito livro e creio que virá a ter importância na literatura”⁶⁸. Junho de 1965 surpreende Recife com uma cheia que inutiliza a Ponte da Boa Vista⁶⁹. Preocupado com as matérias que se publicam no jornal, e sem notícias de Vitória de Santo Antão, Osman Lins telegrafia pedindo notícias. No mesmo mês e ano, pela primeira vez neste *corpus*, o autor fala com *saudade gastronômica*:

“Quer mandar-me dizer como se faz aquele omelete gostoso que mãe Noca gostava de preparar? Lembro que a carne e os ovos batidos eram postos numa frigideira, com uma fôlha de zinco em cima, com brasas em cima da folha. É possível fazer esse prato em fogão a gaz? (...) Gostaria que a senhora também mandasse-me dizer como se fazem filhoses” (carta de 23.06.1965, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

Era a primeira vez que lia o vocábulo *filhoses*. Descubro, então, que é um bolinho de origem portuguesa, típico do Natal e muito consumido no Nordeste brasileiro. Algumas receitas indicam que se prepara com farinha, ovos, raspas de laranja e abóbora, se coloca o bolinho em azeite quente e se polvilha com açúcar e canela. Passa a ser uma dívida cultural

Em dezembro de 1966, Lins conta para Laura algo que até então a sua família desconhecia. Há, para Osman, um novo tipo de correspondência: a que diz respeito a editores e agentes literários estrangeiros: “Isto leva tempo, pois preciso fazer as cartas, quase sempre, em francês. Levo três vezes mais tempo do que levaria fazer uma carta comum” (carta de 10.12.1966, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

⁶⁸ Carta de 01.04.1965, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁶⁹ Mayara Maria de Arruda Gomes defende, em 2019, pesquisa de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da UFPE. O tema do trabalho é a “modelagem hidrológica e a operação de barragens” para o controle eficiente de cheias na bacia do Capibaribe. Para chegar nesse ponto, Gomes faz um levantamento retrospectivo das enchentes do estado de Pernambuco. A cheia à que se refere Osman Lins, em 1965, foi uma “grande enchente” (não das maiores, mas o suficiente para que pernambucanos longe da terra natal se preocupassem). Depois de relembrar que as crescidas afetam o Estado pelo menos desde 1632, Mayara Gomes recupera este cenário a respeito da de 1965: “Os bairros da Caxangá, Iputinga, Zumbi e Bongi ficaram inundados. Nas áreas mais próximas ao Rio Capibaribe a água cobriu o telhado das casas”, p. 25.

Considerando a situação daqueles anos, são poucos os comentários políticos que se podem encontrar nestes documentos, mas não são raros nem os parabéns para Laura cada 12 de outubro (dia de seu aniversário), nem os protestos a respeito dos Correios. A reclamação de agosto de 1967 ainda faz rir, mais de quatro décadas depois: “Recebi sua carta de 2 dêste. Já deve saber (...) que não me chegou o telegrama enviado pelo meu aniversário. Maravilha de nosso Correio, sempre pronto a dar fim às mensagens que enviamos”⁷⁰.

Quase um ano depois, em outubro de 1968, Osman e Julieta conseguem se mudar para o primeiro imóvel próprio. Trata-se do apartamento da Rua Pamplona⁷¹, cheio de comércios locais na redondeza: padaria, mercearia, farmácia, açougue e outras lojas. Em meados de 1969, disto sabe o leitor pela referência que o autor faz, Laura diz sentir algo de estranhamento a respeito da literatura. O filho recomenda insistir e refere-a aos capítulos II e III, e a mais um dedicado “ao leitor”⁷² (fala o autor do ensaio *Guerra sem testemunhas*). Mensagens vão, mensagens vêm, e o Correio consegue agitar de novo a inconformidade de Lins: “Sua carta levou uns dez dias para chegar aqui. Não sei como o Correio consegue fazer êsses milagres. Um avião vem de Recife a S. Paulo em 4 ou 5 horas. De ônibus, chega-se em 48 horas. Uma carta aérea vem em dez dias. Formidável”⁷³.

Uma boa nova se desdobra em São Paulo e Recife em 1971: Osman e Julieta compram um carro maior, um Corcel do ano, azul. O anterior, o Gordini, irá para Recife. Em outubro de 1972 acontece uma nova mudança de apartamento: desde o 14º andar, de frente para o nascente, Osman Lins estreia na comunidade da Alameda Lorena. Raramente o menciona, mas algumas lembranças mantêm acessa a saudade do escritor pelo imaginário nordestino (uma das imagens que referenda esta ideia é a do autor perguntando para a mãe se ainda se fazem em Vitória os terços do mês de maio. Se ainda se ouvem as ladainhas. Se ainda cheira a incenso).

Atacado pela dúvida a respeito do trabalho docente (especialmente pela distância de Julieta e a necessidade de prosseguir o trabalho literário), Osman Lins

⁷⁰ Carta de 17.08.67, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁷¹ Carta de 22.10.68, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁷² Carta de 31.07.69, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

⁷³ Carta de 21.11.70, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro.

reconhece que tem um espírito obstinado. Em agosto de 1975 chega na tela da tevê com um *caso especial*. Teve críticas favoráveis, mas a sua preocupação real era fazer-se conhecer como escritor diante da potencial audiência de 12 milhões de pessoas. Em outubro desse ano, Lins estreia como avô. Resulta um dos episódios mais comovedores de sua correspondência ativa com Laura:

Nasceu com 52 centímetros e 3,650 gramas. Como já estava movendo-se muito, inquieta, e como a dilatação iria demorar ainda, o médico (...) fez cesariana. Hoje falei pelo telefone com Leticia, que já estava sentada (...).

Em tudo isso, tocou-me especialmente – e acho que tocará também a senhora – o fato de que escolheram para a menina, o nome de mãe Noca: chama-se de Joana Carolina. Assim, de certo modo, aquela nossa querida ancestral ressurgiu na sua tetraneta. E, à alegria um tanto prematura, talvez, de ser um respeitável avô, acrescenta-se esta homenagem, feita pela minha filha e genro, a alguém que tanto significou para mim (carta de 09.10.75, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

O deslocamento de móveis continua no apartamento da Alameda Lorena. Na última carta aqui referenciada (a troca que me permite completar uma parte do rosto de Lins), o filho conta para a mãe os planos domésticos: mandar fazer uma estante maior, se desfazer de um sofá, abrir espaço para os livros e ter um escritório mais amplo: “Como digo a Julieta, eu não moro na casa: moro no escritório, no quarto onde trabalho e onde passo, às vezes, mais de oito horas no dia” (carta de 26.10.76, AMLB-FCRB, Rio de Janeiro).

A correspondência de Osman Lins, vale a pena ter isto em conta, constitui uma ponte com os destinatários e também uma forma de pensar o mundo com a mão. Há, no ato de se corresponder, a consciência de um treinamento. Talvez isto não apareça de forma clara em um primeiro momento, mas não será tão difícil observar - na hora de se aproximar destas cartas - o interesse por escritores outros que se preocuparam com o gênero ou as referências que emergem de seu próprio trabalho ficcional.

Na entrada de 18 de maio de 1974, um romance aparece mencionado n’*A Rainha dos Cárceres da Grécia*. Uma obra que, previamente, capturou a atenção do

escritor pernambucano. Não é um acaso que o subtítulo de *As relações perigosas* seja justamente: “Cartas recolhidas num meio social e publicadas para ensinamento de outros”. Apesar das entradas não terem ano específico no romance de Choderlos de Laclos (apenas os números 1 e 7, indicativos do século XVIII), é bem provável que essa leitura tenha exercido impacto suficiente para fazer com que Osman Lins refletisse amplamente sobre a forma híbrida em *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. No próprio romance de 1976, Lins inclui reflexões sobre o gênero epistolar. A personagem do Professor (na entrada de 03.06.1974) diz que “uma simples carta pode ser mais bem compreendida se confrontada com outras (...) de quem a enviou”⁷⁴. Um procedimento que, na primeira parte deste trabalho, aparece como possibilidade na escrita epistolar de Lins.

Tinha razão o jornalista britânico quando afirmava, na sua “curiosa história da correspondência”, que as cartas têm o poder de engrandecer a vida. Aprofundam o entendimento porque, de certa forma, ajudam a reorganizar a história. Só que de um jeito diferente daquela literatura. Tinha razão o arqueólogo Robin Birley, no outono de 1972, ao insistir em retirar (para futuro exame) aquelas pranchinhas de madeira. Teve razão Osman Lins em conhecer até o improvável os meandros do serviço público que comunicava aos brasileiros em seu tempo. As coisas hoje são diferentes. Um correio eletrônico resolve um conjunto de problemas práticos, mas por um lado não demanda (não necessariamente) a densidade que outrora fora precisa, nem tão rápido resolveremos o formato dos arquivos literários futuros. Uma ideia desponta nesta conclusão: estudar o passado (mais se a partir de documentos) é um ótimo jeito de evitar que a inconsciência se imponha como narrativa, como história e como plano de ação.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad*. Buenos Aires: FCE, 2010.

DE CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de La Mancha*. São Paulo: Alfaguara, 2004.

⁷⁴ Osman Lins, *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, São Paulo: Melhoramentos, 1976, p. 5.

GARFIELD, Simon. *Postdata. Curiosa historia de la correspondencia*. México: Taurus, 2015.

GOMES, Mayara Maria de Arruda. Abordagem integrada de modelagem hidrológica e operação de barragens para avaliação da eficiência do controle de cheias na bacia do rio Capibaribe. Dissertação apresentada no PPG em Engenharia Civil da UFPE. Recife, 2019.

HAZIN, Elizabeth; BONFIM, Maria Aracy; RAMÍREZ BARRETO, Francismar. *Descortinando o teatro de Osman Lins*. SiglaViva: Brasília, 2019.

IGEL, Regina. *Osman Lins: Uma Biografia Literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA-Arquivo Museu de Literatura Brasileira. *Guia do Acervo*. Rio de Janeiro: FCRB, 2012.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA-Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Correspondência Pessoal do Arquivo de Osman Lins. Rio de Janeiro. Consulta feita em: 24.05.2018.

LINS, Osman. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, São Paulo: Melhoramentos, 1976.